

ETHOS FORJADO EM MEMES DIGITAIS DA @ BARBIEFASCIONISTA: SENTIDOS SOBRE RAÇA E SEXUALIDADE

Lorena Gomes Freitas de Castro¹

Danilo Mecnas²

Danillo da Conceição Pereira Silva³

Resumo: Este artigo discute a construção de *ethos* forjado em memes digitais sobre questões de raça e sexualidade veiculados pelo perfil @barbiefascionista em circulação no domínio brasileiro do Instagram, em outubro de 2018. Para tanto, além de perspectivas teóricas sobre as redes sociais e sobre questões de raça e sexualidade, foram acionadas noções dos estudos de textos em práticas digitais de interação (SILVA, 2019) e dos estudos argumentativos de base discursiva acerca do *ethos* (MENDES, 2008; AMOSSY, 2016). Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista. Ao cabo do percurso analítico, constatamos a importância de processos de categorização social e dos estereótipos na elaboração de uma imagem discursiva pautada na representação do discurso do “outro” como o de um “eu”, objetivando a crítica social a grupos dominantes e suas práticas excludentes, a exemplo do racismo e da homofobia.

Palavras-chave: Ethos discursivo. Cibercultura. Memes Digitais.

FORGED ETHOS IN DIGITAL MEMES OF @BARBIEFASCIONISTA: SENES ABOUT RACE AND SEXUALITY

Abstract: This article discusses the construction of ethos forged in digital memes on issues of race and sexuality conveyed by the @barbiefascionista profile in the Brazilian domain of Instagram, in October 2018. For this, in addition to theoretical perspectives on social networks and questions of race and sexuality, notions from the studies of the texts in digital practices of interaction (SILVA, 2019) and from argumentative studies of discursive base on ethos (MENDES, 2009; AMOSSY, 2016) were triggered. From the methodological point of view, this is a qualitative research of an interpretative nature. At the end of the analytical course, we contacted the importance of processes of social categorization and stereotypes in the elaboration of a discursive image based on the representation of the “other’s” discourse

¹ Doutoranda e Mestra em Letras/Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). Licenciada em Letras/Língua Portuguesa pela UFS. Bolsista CAPES. Membro do Laboratório de Estudos em Textos e Tecnologia (LETTEC/CNPq/UFS).

² Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Tiradentes (Unit). Editor de texto na TV Globo/São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa sobre Mídias Interativas – Geminis (UFSCar/CNPq).

³ Doutorando e Mestre em Letras/Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (PPGL/UFS). Especialista em Educação em Gênero e Direitos Humanos pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Licenciado em Letras/Língua Portuguesa pela UFS. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Alagoas (IFAL), Campus de Santana do Ipanema.

as if it belongs a “self”, objectifying the social critique of dominant groups and their practices of exclusion, such as racism and homophobia.

Keywords: Discursive ethos. Cyberculture. Memes.

INTRODUÇÃO

Ao buscarmos refletir, neste artigo, acerca do funcionamento do meme digital *Barbiefascionista*⁴, especificamente no que diz respeito à construção de imagens discursivas a partir dos processos de categorização social, importa salientarmos que tomamos o texto não como entidade monolítica dotada de sentidos limitados, amplamente previsíveis, ou como “superfície” incidental na qual se desenrolam processamentos (auto) referenciais, mas como prática social de caráter semiótico, intrincada em processos históricos, culturais, sociais e políticos. Desse modo, ao nos debruçarmos sobre o estudo de quaisquer gêneros discursivos, consideramos incoerente um modo de apreciação das manifestações textuais que despreze o contexto (HANKS, 2008) em que estas estão inseridas e que elas ativamente produzem em suas práticas de significação. Ademais, a influência das redes sociais, com suas ferramentas a serviço da multimodalidade, faz com que os sujeitos interajam através das mais diversas semioses e de seus processos de contextualização, intensificando a força do “contexto” na produção do significado, estejam eles operando a favor de uma hipertextualidade discursiva ou compondo significativamente gêneros digitais como o meme.

Por tais razões epistemológicas, ao analisarmos o funcionamento do meme digital *Barbiefascionista*, não nos restringimos apenas ao estudo descritivo de mais uma composição textual tipificada, uma vez que investigamos uma prática social discursiva que ganhou força em função do advento da *internet*, especialmente em sua versão

4 Disponível em: <<https://www.instagram.com/barbiefascionista/?hl=en>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

chamada de *Web 2.0*. Dessa transformação advém a criação de condições técnicas que possibilitaram o surgimento de diversas redes sociais, dentre as quais podemos citar o *Facebook*⁵, o *Instagram*⁶, o *Twitter*⁷, o *Youtube*⁸, ocasionando, assim, forte adesão dos sujeitos às ferramentas do ciberespaço, integrando-as, em grande medida, à sua vida cotidiana.

O direcionamento crítico das práticas sociais, nas quais os textos aqui discutidos circulam, dialoga com o contexto político brasileiro quando da criação do perfil pessoal no *Instagram*, a partir do qual os memes em análise são postados. Desse modo, tais artefatos semióticos aludem, de modo mais ou menos explícito, aos discursos de extrema direita, pautados na deslegitimação ou na ridicularização das lutas de grupos sociais historicamente violentados (a exemplo de mulheres, povos originários, pessoas negras, população LGBT e afins) e de movimentos sociais engajados em suas pautas, veiculados pela candidatura à presidência da república do então deputado federal pelo Partido Social Liberal (PSL) do Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro, em outubro de 2018. Nesse contexto, os memes passam a constituir mecanismos de manifestação política mediante a produção e a circulação de textos irônicos e de resistência, a partir da elaboração de imagens discursivas próprias, as quais têm por objetivo satirizar discursos, práticas e valores que parecem ser coerentes com grupos conservadores e/ou em lugar de prestígio social em função de marcadores de raça, classe, gênero e/ou orientação sexual.

Nesse sentido, a discussão que aqui levantamos toma os memes digitais como espaços nos quais os *ethé* forjados são construídos, especialmente, a partir da mobilização de categorias sociais, calcadas em estereótipos culturalmente difundidos, partilhadas entre os interlocutores dessas práticas discursivo-

5 Disponível em: <www.facebook.com>. Acesso em: 29 jan. 2019.

6 Disponível em: <www.instagram.com>. Acesso em: 29 jan. 2019.

7 Disponível em: <www.twitter.com>. Acesso em: 29 jan. 2019.

8 Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em: 29 jan. 2019.

semióticas. Desse modo, a fim de compreender o fenômeno estudado, além de perspectivas sobre as práticas digitais de comunicação (CASTELLS, 1996, 1999, 2013; JENKINS, 2008; TORRES, 2018) e sobre as temáticas de raça e sexualidade mobilizadas pelos memes digitais analisados (JUNQUEIRA, 2013; BUTLER, 2017; FERNANDES, 2014; SCHUCMAN, 2012), acionamos, grosso modo, saberes advindos dos estudos contemporâneos sobre os textos em práticas sociais digitais (SILVA, 2019); dos estudos do *ethos* de base discursiva (MENDES, 2009; AMOSSY, 2016), bem como de perspectivas sociocognitivas do discurso acerca dos processos de categorização social (ALENCAR, 2019; FALCONI, 2011).

OCIBERESPAAÇO, AS REDES SOCIAIS E O INSTAGRAM: NOTAS SOBRE PRÁTICAS COMUNICATIVAS EM AMBIENTES DIGITAIS

Uma vez que a proposta é investigarmos de que forma os processos de (re)categorização podem contribuir para a sustentação de um *ethos* forjado na rede social *Instagram*, é importante detalharmos previamente o funcionamento do meme digital *Barbiefascionista* e sua atuação política no ciberespaço. Posteriormente, discutiremos sobre as relações entre o *ethos* e os processos de categorização social em memes digitais para, assim, chegarmos a uma análise de memes relacionados à *Barbie* sobre raça e sexualidade.

A partir dessa proposta, percebemos o ciberespaço como um ambiente de mobilização que nos permite misturar, articular e incorporar formatos textuais utilizando elementos linguísticos, imagéticos e sonoros. Diante das pesquisas contemporâneas, não nos parece mais necessário conceituar o ciberespaço segundo um gesto de diferenciação entre instâncias específicas da sociabilidade humana, guiado por uma premissa

dicotômica real/virtual. As assim chamadas “novas” tecnologias afetam as relações sociais de tal modo que já não é mais possível compreendê-las, por completo, sem levar em conta seu estreito diálogo com as interações sociais e os discursos delas provenientes, seja em espaços *online* ou *offline*. Aqui, o termo “tecnologia” é entendido segundo Castells (1996, p. 5) e significa que “a tecnologia não é somente a ciência e as máquinas: é também tecnologia social e organizativa”. Segundo Jenkins (2009), as tecnologias voltadas à informação e também às redes sociais estão constantemente em um processo de convergência e não devem ser encaradas exclusivamente no âmbito da tecnologia, mas, de forma particular, em “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos” (JENKINS, 2009, p. 29). Ou seja, a convergência⁹ tecnológica resulta em conteúdos que transitam pelas plataformas digitais. Nessa perspectiva, a convergência ultrapassa os limites de um fenômeno meramente tecnológico, num sentido excludente do elemento humano, para significar uma transformação cultural, uma vez que incentiva os usuários das redes a buscar informações em diferentes ambientes e, partindo destes, estabelecer conexões.

De acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil fechou 2016 com 116 milhões de pessoas conectadas à internet¹⁰, o que equivale a quase 70% da população acima de dez anos de idade. Porém, a televisão ainda é uma fonte relevante de consumo de informações para o brasileiro. Uma pesquisa do Instituto Reuters, da Universidade de Oxford, realizada durante as eleições de 2018, apontou que 66% da população brasileira utilizam as

⁹ Jenkins (2009, p. 29) afirma que a “convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas e sociais”.

¹⁰ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

redes sociais digitais para consumo de notícias e que 33% da população com idade entre 18 e 24 anos usam as redes como a principal fonte de notícias. Vale ressaltar que esses dados servem para demonstrar como a informação se tornou um tipo específico de bem de valor crescente e como as redes discursivas podem influenciar a opinião pública, afinal “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos dos fluxos midiáticos [...] através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (JENKINS, 2009, p. 30).

Desse modo, a constituição das redes é operada pelo ato de se comunicar, de se engajar e de propagar conteúdos. Para Castells, “comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações” (2013, p. 15). Em termos genéricos, para a sociedade atual, a principal fonte de produção social de significado é o processo de comunicação socializada. Assim, a internet se configura essencialmente como um espaço social cada vez mais diversificado a partir das tecnologias móveis. Nesse sentido, a dinâmica de permanente transformação da tecnologia na era digital “amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada em constante mudança” (CASTELLS, 2013, p. 15).

A rede de computadores é tomada, então, como um ambiente de identidade própria, no qual a internet se tornou um símbolo do desenvolvimento comunicacional e espaço relativo de exercício da liberdade de fala. Há, com isso, a imersão de uma nova cultura: a participativa, na qual o usuário de redes se torna um co-produtor de conteúdos, visto que a participação “é moldada pelos protocolos culturais e sociais [...], é mais limitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia” (JENKINS, 2009, p. 189). Em outras palavras, o

tipo de interação que se desenvolve com sucesso no ambiente digital está relacionado à livre expressão, uma vez que “a transmissão de fonte aberta, a livre divulgação, a transmissão descentralizada, a interação fortuita, a comunicação propositada e a criação compartilhada encontram sua expressão na internet” (CASTELLS, 2013, p. 165). A rapidez e a qualidade no processo de transmissão do pacote de dados dentro de um espaço que promove a comunicação de modo relativamente anônimo e o livre trânsito de informações produzem um contexto propício para a criação e o compartilhamento de conteúdos, por qualquer usuário, nos mais diversos tempos e lugares (SILVEIRA, 2008). Diante disso, o que realmente vale na contemporaneidade não é tanto o que fazemos com as tecnologias, mas o que elas propriamente fazem conosco. As tecnologias provocam mutações nas linguagens e na própria natureza humana, nos nossos modos de agir, perceber, pensar e compreender o mundo em que vivemos, e, conseqüentemente, as interações e os modos de participação política são modificados.

O meme digital em discussão constitui, portanto, um artefato dessa cultura participativa, amplamente engajada. A conta no *Instagram* foi criada em 10 de outubro de 2018, mas com o apelido (nickname) de *Barbiefascista* e assim se manteve durante cinco dias. Depois disso, houve uma mudança do nome do perfil para *Barbiefascionista*, cuja inferência pode nos levar a interpretar que a soma dos elementos nominais *Barbie + fashion + fascista*¹¹ (sem vírgula) enfatiza a

11 Aqui, a escolha do termo avaliativo “fascista” para compor tanto o nome da conta no Instagram que veicula as postagens em análise quanto o nome da personagem que desempenha a performance de proprietária da conta, a Barbiezinha Fasci, nos parece significativa em face do intento de crítica social e política em curso no funcionamento da página. Apesar da polissemia do termo “fascismo” na literatura das ciências políticas e sociais, ele, para além de designar o regime político de natureza totalitária em curso na Itália, no início do século XX, sob influência de Benito Mussolini, e por vezes também ser associado ao nacional-socialismo alemão de Adolf Hitler, tem sido apropriado por estudiosos – a exemplo de Boaventura de Sousa Santos (2016) ao propor o conceito de “fascismo social” – e por grupos sociais em geral para classificar projetos de poder contemporâneos que,

ironia da personagem criada e, conseqüentemente, da imagem discursiva que é construída através das semioses: uma mulher branca, caucasiana, heterossexual, privilegiada socialmente, que viaja bastante e possui bens materiais de alto valor de mercado.

De acordo com Torres (2018), o *Instagram* “é uma mídia social de publicação e compartilhamento de fotos (embora também possa acrescentar vídeo) que permite ao usuário subir e editar suas fotos antes de compartilhar”. Além disso, a rede é usada por influenciadores “como um canal de divulgação de produtos e ideias de rápido consumo” (TORRES, 2018, p. 112).

A plataforma permite a cada usuário acompanhar outros a partir da opção “seguir” e também produzir conteúdos que, por assim dizer, fazem parte de centros de interesse específicos de cada usuário e que, naturalmente, agregam outros usuários que também compartilham afinidades. É nessa perspectiva que se percebe a construção de grupos sociais em torno de informações e causas coletivas. Podemos refletir, por exemplo, sobre uma postagem de um usuário reclamando sobre uma obra inacabada de uma grande avenida. Em poucos minutos, outros perfis que se identificam com o problema também podem comentar e, provavelmente, reclamar, tornando uma expressão individual em uma causa coletiva de natureza social e

resguardadas suas particularidades, manteriam com os citados regimes históricos diferentes níveis de identidade em relação a seus princípios, dentre eles: o autoritarismo político; o culto irrestrito à figura pessoal de seus líderes; a exaltação da coletividade e da unidade nacional (nacionalismo); a expansão imperialista; o aniquilamento de forças de oposição mediante o uso da violência e do terror; o controle de informações e meios de comunicação (BOBBIO, 1998). Tal modo de apropriação do termo foi bastante característico do momento político em que o perfil em discussão passa a circular na rede, o período pré-eleições presidenciais de 2018, no Brasil, e nele são justamente as forças políticas identificadas como de esquerda ou progressistas as quais usam a designação “fascista”, ou variações dela (“neofascista” e “protofascista”, por exemplo), para designar o então candidato pelo Partido Social Liberal, Jair Messias Bolsonaro, e seus discursos. Assim, a composição do nome do perfil e da sua personagem-proprietária em discussão neste artigo parece responder também a esse processo.

política. Assim, podemos dizer que o espaço digital também é um ambiente político com ferramentas das quais os sujeitos podem se apropriar com vistas a se mobilizarem diante de reivindicações políticas e sociais, como fazem os ativismos digitais (BRAGA, 2015; SILVA, 2019).

DAS RELAÇÕES ENTRE *ETHOS* DISCURSIVO E PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO SOCIAL EM MEMES DIGITAIS

O *ethos* discursivo, segundo perspectivas discursivas dos estudos da argumentação (AMOSSY, 2016), corresponde ao fato de que está presente em toda interação “a necessidade que o orador tem de se adaptar a seu auditório, portanto, de fazer uma imagem dele e, correlativamente de construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui aqueles que o ouvem” (AMOSSY, 2016, p. 19). Assim, é no bojo desse dinamismo que se instaura uma “imagem de si no discurso” (AMOSSY, 2016, p. 19), a qual, longe de corresponder de forma transparente e unívoca à pessoa (ou ao grupo, à instituição e afins) a que se relaciona, é na verdade um efeito discursivo, uma elaboração projetada a partir do emprego de recursos semióticos específicos, quer linguísticos ou não.

Nesse sentido, Maingueneau (2008) nos mostra que o *ethos* diz respeito à construção de uma imagem discursiva que inspire confiança, conseguindo assim convencer o auditório a quem se dirige acerca das teses que sustenta. A isso acrescenta, ainda, que as características que correspondem a elementos de constituição não meramente linguística têm uma importância significativa na construção desse *ethos* (caráter e corporalidade), a título de explanação. Nesse âmbito, basta pensarmos nas adequações contextuais a que um candidato a determinada

vaga pode recorrer além do seu discurso verbal para impactar positivamente o seu auditório (público a quem se dirige) numa entrevista de emprego, como a roupa escolhida para a ocasião e a linguagem corporal utilizadas.

Quando pensamos na dimensão textual dessas práticas discursivas, percebemos que a construção das imagens discursivas, isto é, dos *ethé*, não pode ser dimensionada apenas pela consideração do nível cotextual (linguístico), ainda que dele partam possibilidades de leituras e pistas textuais para tal. É nesse sentido que podemos considerar processos de (re) categorização textual e social (FALCONE, 2011) que, embora não se confundam, estão amplamente imbricados na elaboração de um *ethos* específico, uma vez que se integram no que diz respeito ao manuseio de expressões referenciais na sustentação das representações ethóticas (MENDES, 2008).

Nessa perspectiva, Alencar (2008) afirma que os processos de categorização social constituem modelos que atendem aos aspectos sociais e culturais e são sensíveis à dimensão local e específica das práticas sociais. Esse raciocínio, de base sociocognitivo-interacional, salienta que a construção de objetos de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003), por exemplo, além de não se restringir mais aos elementos linguísticos propriamente ditos, opera em favor de contextos socialmente situados e historicamente demarcados, trazendo consigo não só manifestações estritamente ligadas aos mecanismos de produção da textualidade, mas também aos aspectos sociais e culturais que emergem do/no discurso.

Sendo assim, em práticas discursivas situadas, a mobilização dessas categorias não acontece aleatoriamente, pois esses dispositivos, quando acionados, precisam ser reconhecidos pelos grupos aos quais se destinam, pelo auditório, em termos retóricos. Esse conhecimento partilhado é, em

grande parte, responsável pelo sucesso, ou melhor, pela pertinência do discurso num determinado grupo ou coletividade (ALENCAR, 2008). Nesse sentido, a imagem que um locutor projeta de si mesmo, numa interação discursiva, “para ser reconhecida pelo auditório, para parecer legítima, é preciso [...] que se indexe em representações partilhadas [...] que sejam relacionadas a modelos culturais pregnantes” (AMOSSY, 2016, p. 125).

Retomando a personagem sobre quem nos debruçamos neste trabalho, temos que a *Barbiezinha Fasci*, usuária do perfil @barbiefacionista no Instagram foi apropriada como imagem principal para categorizar um grupo social específico a que se dirige o teor irônico e crítico dos enunciados: grupos privilegiados e que compõem a elite econômica brasileira. Nesse contexto, ocorre uma simulação de vários *ethé* no ciberespaço, cuja transição se dá mediante o recurso da ficcionalidade e da elaboração de um sem-número de categorizações sociais e retomadas de estereótipos para criação da imagem discursiva. Neste trabalho, é fundamental pensar na relação entre estereotipagem e construção da imagem de si, uma vez que aparece como fundamental a operação de “pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado [...] o qual permite designar os modos de raciocínio próprios a um grupo” (AMOSSY, 2016, p. 125).

A esse *ethos* que fala de um “outro”, ou seja, quando uma imagem discursiva é construída para um determinado fim enunciativo como se fosse um “eu” específico, atribui-se a denominação de *ethos* forjado (MENDES, 2008). Tal processo, bastante recorrente na elaboração de sentidos em textos de caráter literário, passa a ser observado também em textos midiáticos, em especial naqueles produzidos e que circulam a partir de meios digitais. Ainda segundo a autora, na instância do *ethos* forjado ocorre uma ficcionalização da imagem projetada, cujo estabelecimento é contratual e fluido, isso

quer dizer que não há a intenção de ludibriar o interlocutor acerca da veracidade da condição de autoria do discurso e da imagem discursiva ali projetada. Ao contrário disso, os participantes dessa prática discursivo-interacional têm clareza de que se trata de uma imagem forjada, apropriada, de um “eu” que no discurso projeta a imagem do “outro”, com a intenção de criticá-lo ou mesmo satirizá-lo, e, no caso dos textos aqui analisados, tais críticas e sátiras são investidas de teor político.

Ao simular a identidade de um “outro” como um “eu”, conforme dissemos, o meme da *Barbiefascionista* forja o surgimento de representações *ethóticas* de um grupo social específico cujas manifestações estereotípicas têm também um papel fundamental na pertinência e nos efeitos dessa prática discursiva. Através dos elementos multimodais, disponíveis na elaboração de textos no ciberespaço, entendemos que os estereótipos e imagens discursivas, evocados pelos memes digitais, são acionados pela solidariedade entre semioses de natureza linguística e imagética, assim, as categorias sociais projetadas na imagem discursiva – no *ethos* forjado – dos memes são mobilizadas também pelo recurso a cores, imagens e outros recursos não-linguísticos que participam diretamente do processo de elaboração de sentidos. No que diz respeito ao contrato interacional-discursivo entre produtores e consumidores desses textos, vale salientar que apenas haverá adesão por parte do auditório ao propósito de crítica social e política quando o grupo a quem se direcionam o discurso e a imagem nele projetada partilhar dessas imagens construídas e desses sentidos sobre o mundo.

Considerando que o *ethos* forjado da *Barbiefashionista* circula nas redes sociais em memes digitais, vale salientarmos que, embora os memes não sejam exclusivos do ciberespaço (CASTRO, 2017; SHIFMAN, 2014), nesse meio comunicacional eles encontram maiores

possibilidades de circulação e compartilhamento. Tal fato se deve, em primeiro lugar, ao fato de que a *internet* propicia aos interlocutores um espaço mais democrático de criação, de publicação de seus textos e, em segundo lugar, pois nesse mesmo meio há diversas ferramentas as quais auxiliam na elaboração de textos caracterizados pela sua variabilidade semiótica e hibridização de linguagens (BRAGA, 2013) sincréticas: uma multiplicidade de cores, sons, imagens, idiomas, dentre outros. Segundo Castro (2017, p. 12), os memes

constituem retextualizações cujas imitações/informações neles inseridas podem estar baseadas (ou não) em fatos reais, apresentar características estruturais de outros gêneros do texto, consagrar-se numa expressão e, por isso, apresentar-se através de um código semiótico apenas ou na hibridização de linguagens, quando modalidades semióticas entre as quais vídeos, quadrinhos, músicas se integram umas às outras comprovando sua plasticidade enquanto gênero textual.

Além disso, por conta da complexa e flexível composição do gênero, praticamente qualquer texto – esteja ele dentro ou fora da rede – pode vir a ser um meme; mas, para isso, devemos levar em consideração alguns princípios da interação que são apresentados como imprescindíveis à propagação e à sua replicação, tais como a longevidade, a fidelidade de cópia e a fecundidade (SHIFMAN, 2014; DAWKINS, 2006).

Sendo assim, nas análises do meme *Barbiefascionista*, explicitaremos como os processos de recategorização social podem acontecer num gênero digital multimodal e ainda sustentar a imagem discursiva de um *ethos* forjado, a fim de tecer críticas sociais e políticas a grupos dominantes, seus discursos e suas práticas, por meio de expedientes discursivos tais como a ficcionalidade e a ironia. Nesse sentido, ao analisarmos a construção de sentidos nos memes, especificamente em dois textos cujos *ethos* forjados deslegitimam discursos racistas baseados em uma perspectiva normativa

excludente, em termos de gênero e sexualidade, fazendo jus a uma perspectiva de análise de textos *nas* práticas sociais (SILVA, 2019), consideraremos saberes interdisciplinares em disputa na elaboração dessas práticas discursivas.

O ETHOS DISCURSIVO FORJADO NOS MEMES DO PERFIL @BARBIEFASCIONISTA: SENTIDOS SOBRE RAÇA E SEXUALIDADE

Como já mencionado nas considerações iniciais deste trabalho, a intenção deste estudo é verificarmos como os processos de categorização contribuem para a elaboração da imagem discursiva da Barbiefacionista nos memes digitais veiculados em sua página no *Instagram*. Desse modo, identificamos que esta pesquisa se orienta pela perspectiva de metodologias qualitativas e interpretativistas (DENZIN; LINCOLN, 2006), uma vez que nosso objetivo está vinculado à compreensão da produção de sentidos no uso de linguagens em práticas sociais situadas.

Os *corpora* em análise nesta seção foram selecionados diretamente do perfil da *Barbiezinha Fasci*, identificado pelo nome *@barbiefacionista* no *Instagram*; de acordo com o mote temático da crítica social apresentada em cada publicação, foram escolhidos dois memes representativos de seu modo de agência no espaço digital, os quais ironizam discursos cristalizados socialmente acerca de questões de raça e sexualidade. Nesses memes, os modos de organização da linguagem e a agência social, pautada na ironia, denunciam um lugar comum de discursos de exclusão e de preconceito social manifestados através de mecanismos multimodais e com fins comunicativos não só de criação de efeitos de humor, mas de crítica a enunciados que revelam posições ideológicas específicas, representativas dos discursos do

outro, assumido na elaboração de um *ethos* forjado, conforme discutimos na seção 2.

Sendo assim, diferentemente de outros trabalhos que elegeram como objeto de análise memes digitais coletados da plataforma Museu de Memes¹² (CASTRO, 2017), ou de buscas em redes específicas, através de palavras-chave, em torno de mobilizações e de causas reivindicatórias (CASTRO; SILVA; NASCIMENTO, 2017), os quais circulavam na internet em diferentes páginas e perfis, neste estudo os memes escolhidos para a análise foram postados no *Instagram*, a partir de um perfil pessoal que, sob efeito da ficcionalidade, é aparentemente mantido pela própria *Barbiezinha Fasci* e não numa página “sobre” ela ou apenas destinada a fazer circular memes em que ela aparece como coadjuvante. Tal característica, que conta inclusive com respostas da própria *Barbiezinha Fasci* aos comentários de seus seguidores, potencializa a aproximação da Barbie e de seus discursos aos de sujeitos empíricos, ou seja, o meme contempla a função argumentativa de criação de efeito de humor, mas sustenta a ironia e as críticas ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT), assim como a pautas entendidas como de esquerda, quase de cunho progressista ou ligadas à promoção de justiça social.

De acordo com a plataforma *Museu de Memes*, o meme da Barbie repercutiu rapidamente por volta de outubro de 2018, em função das discussões eleitorais, tendo surgido primeiramente no *Twitter* e depois ganhado espaço em outras plataformas como o *Facebook* e o *Instagram*, ganhando, inclusive, perfis próprios, como o que analisamos, além de outros como *@barbiefascista*, *@barbiesemkenm* e *@ironicabarbie*. Observamos que a razão de existir desse meme, em específico, é “relacionar a imagem da boneca que aparece bem vestida, viajando,

¹² Disponível em: <www.museudememes.com.br/>. Acesso em: 06 jan. 2019.

dentro dos principais padrões normativos da sociedade, com ‘discursos de sofrimento’ que são originalmente mais expressados pelos grupos privilegiados da sociedade” (MUSEU DE MEMES, 2018, s/p, grifos dos autores).

Os memes, a partir de um princípio de configuracionalidade recorrente, próprio dos gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) em circulação nos espaços digitais, são compostos a partir do uso de uma imagem com enquadramento centralizado no plano principal, uma fotografia da boneca Barbie sozinha ou com outros/as bonecos/as dentro do padrão de reprodução da figura humana, além de um enunciado com caráter irônico, distribuído na parte superior e inferior da imagem. Tais enunciados circulam, na maioria das vezes, em torno de temáticas de grande importância para as minorias sociais, tais quais: as mulheres, a população negra, a comunidade LGBT e as pessoas de classe financeira inferior, por exemplo. Além disso, os memes postados, seguindo a utilização de recursos característicos do *Instagram*, são acompanhados de legendas que seguem a mesma lógica discursiva, corroborando o recurso de ficcionalidade que remonta à utilização do perfil por uma pessoa empírica (ilustrado na Figura 1), participando assim da elaboração das projeções dos *ethé* forjados.



Figura 1: Perfil da @barbiefascionista. Fonte: Instagram, 2018.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/barbiefascionista/?hl=en>>.

Percebemos, já no primeiro contato com a personagem (que originalmente é um brinquedo infantil com uma forma humana específica, direcionado às meninas), que a boneca *Barbie* é utilizada no sentido de sustentar uma imagem discursiva de pessoas que compõem grupos sociais e políticos privilegiados e que representam identidades dominantes. Para tanto, antes mesmo de nos determos à leitura das postagens ou dos enunciados escolhidos para a análise, ao observarmos o perfil de forma geral, verificamos nas imagens padrões normativos sociais como pessoas em sua quase totalidade compostas pela representação de recursos imagéticos e configuracionais que nos permitem identificá-las como brancas, magras, heterossexuais, de classes sociais privilegiadas. Quando pessoas fora desse marco normativo de reconhecimento do humano (BUTLER, 2017) aparecem nas postagens do perfil, é justamente com a intenção de significá-las em relação a esse padrão normativo, quase sempre pela assimilação, ou seja, pelo apagamento de suas características idiossincráticas, das relações de diferença e suas conotações políticas e hierarquizantes, para se adequar a um padrão dominante, seja de gênero, de raça ou de classe social.

Seguindo essa lógica, a apresentação do perfil @barbiefascionista segue uma formatação que tem sido bastante recorrente no uso dos recursos da rede social *Instagram* na elaboração de perfis pessoais de usuários/as: além das tradicionais “fotos de perfil”, no caso, da Barbie, e do nome, encontramos, de forma delimitada pela inserção de caracteres, informações resumidas que representam características identitárias destacadas da pessoa sobre ela mesma. Essa pequena apresentação pessoal (acerca de gostos, origem geográfica, atividades profissionais, frases de inspiração, dentre outros aspectos) geralmente aparece acompanhada por *emojis* representativos desses traços pessoais destacados.

Nessa primeira leitura, identificamos alguns referentes, além do próprio nome assumido pela suposta usuária do perfil, *Barbiezinha Fasci*, características que reiteram a categorização social da personagem como pertencente a grupos cujas posições políticas estereotipadas o perfil busca criticar como, por exemplo, “*politicizada e do BEM!*” e “*Change Brazil!*”. Tais expressões fazem referência ao discurso atribuído a pessoas da classe média brasileira que, diante da perda de privilégios ou da ascensão de grupos sociais excluídos, graças a políticas afirmativas na educação e à distribuição de renda que caracterizaram os governos do últimos dezesseis anos no Brasil, sentem-se ameaçadas e, por isso, passam a se preocupar com a política institucional, buscando “a mudança” de um cenário mais propenso à justiça social, ou seja, o retorno de padrões excludentes, mas sempre se afirmando como “do BEM”, pessoas de bem.

A partir dessas considerações sobre o perfil *@barbiefascionista* no *Instagram*, analisaremos aqui alguns memes postados e o modo como eles, por meio de categorizações sociais, projetam um *ethos* forjado, engajado na crítica social, especialmente em assuntos relativos aos debates em torno de questões de gênero e sexualidade na sociedade atual.



Figura 2. Postagem em 11 de outubro de 2018. Fonte: Instagram.

Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Boxr55_HLDq/>.

Conforme destacamos na primeira seção deste artigo, a emergência do perfil cujos memes analisamos está diretamente ligada aos debates sociais levantados, especialmente a partir das redes sociais, em torno de temas sociais controversos, em face do cenário eleitoral presidencial brasileiro, no ano de 2018. Nesse cenário, o enfrentamento político entre grupos ligados ao então candidato Jair Bolsonaro (PSL) e suas posições polêmicas, sintonizadas com perspectivas de extrema-direita, e grupos filiados a diferentes posições mais à esquerda, a exemplo dos que apoiavam o candidato social-democrata Fernando Haddad (PT), cujo discurso focalizava temas ligados às minorias sociais e seus direitos, fez das redes sociais um espaço de embates entre diferentes configurações textuais e suas posições ideológicas. É nesse contexto que o meme acima se inscreve.

Por meio de sua composição linguística e imagética, o meme projeta um *ethos* forjado (MENDES, 2008), com vistas a ironizar e, com isso, deslegitimar o discurso de grupos conservadores que, quando confrontados acerca de seus discursos e práticas homofóbicas¹³, negam a categoria social que lhes é imputada, sob o argumento de conviverem pacificamente ou por manterem relações de amizade e/ou parentesco com pessoas que seriam homossexuais (gays), como registrado na dimensão verbal do meme “Homofóbica, eu?? Inclusive tenho vários amigos gays!”. Ao lado disso, os processos de significação e de projeção *ethotica* também são acionados pela dimensão imagética do meme, uma vez que eles registram, em plano secundário, o que seria uma fotografia da *Barbiezinha Fasci*, a usuária proprietária do perfil no qual a postagem é feita, ao lado de dois amigos, abraçando-os, os quais, em razão de mecanismos inferenciais disparados pelas pistas cotextuais (LIMA, 2007) da parte

13 Segundo afirma Borillo (2001, p. 13): “como a xenofobia, o racismo e o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em assinalar o outro como contrário, inferior e anormal”.

linguística, são categorizados pelos/as leitores/as como gays, isto é, os “amigos gays”, a quem a personagem se refere. Desse modo, fica saliente a relação de implicação entre a construção de um *ethos* discursivo e o jogo com significados sociais partilhados entre interlocutores, uma vez que “o locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outro” (AMOSSY, 2016, p. 126).

Em particular, os sentidos de ironia passam à crítica social justamente em razão dos tipos sociais que a imagem dos bonecos quer evocar, as heteronormativos¹⁴, cuja aparência, pela vestimenta e por outros caracteres físicos, a exemplo da cor dos olhos e da disposição do cabelo, remontam a grupos sociais privilegiados.

quais aparecem dispostas em posição centralizada no meme. São bonecos que reproduzem figuras humanas bastante específicas, conforme apontamos, as quais aludem a um padrão normativo da vivência da homossexualidade (JUNQUEIRA, 2013), projetada por configurações corporais que reforçam uma imagem de masculinidade e beleza, a qual joga com estereótipos de classe, gênero e orientação sexual. Desse modo, ao contrapor bonecos com uma aparência que evoca a construção estereotípica de corpos de homens brancos, musculosos, submetidos a padrões

heteronormativos¹⁴, cuja aparência, pela vestimenta e por outros caracteres físicos, a exemplo da cor dos olhos e da disposição do cabelo, remontam a grupos sociais privilegiados.



Figura 3: Publicação em 25 de outubro de 2018. Fonte: Instagram

Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BozL83qHj/p/>>.

Os modos de elaboração de um *ethos* discursivo forjado, conforme discutimos em relação aos memes nas figuras 1 e 2, desdobram-se também naquilo que podemos constatar em relação à figura 3. Nesse meme, no plano linguístico, aparecem os dizeres “Eu amo a diversidade, sabe? Inclusive tenho amigos homossexualistas e amiga de cor de traço fino!”, seguida da *hashtag* “#somostodosiguais”, enquanto, no segundo plano, de caráter imagético, aparece uma foto da boneca Barbie, que, para o efeito de ficcionalidade produzido, representa a *Barbiezinha Fasci*, junto de mais três bonecos, os quais representam as configurações corporais atribuídas a dois homens e uma mulher negra, a quem a Barbie se refere respectivamente como “amigos homossexualistas” e “amiga de cor de traço fino”. Dessa vez, o meme evoca discursos acerca de questões de gênero e sexualidade, implicadas na representação da condição de pessoas homossexuais como doença ou anormalidade, que pode ser recuperada pela derivação de

14 Conforme Junqueira (2013, p. 483), a heteronormatividade corresponde a “um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão”.

homossexualistas do termo “homossexualismo”, amplamente criticado pelos ativismos LGBT e abolido de formas respeitadas de comunicação justamente em função dos sentidos destacados. Além disso, são acionados também discursos racistas que, em seu modo de circulação, funcionam (ou deveriam funcionar), segundo a posição de quem os enuncia, como dizeres elogiosos em relação à aparência da mulher negra representada no meme em análise, mas que, por acionarem um gama complexa de discursos raciais historicamente reiterados, são projetados como “elogios que ferem” (MELO; MOITA LOPES, 2015).

Nessa última esfera, ao referir-se a mulher à amiga negra representada como “de cor” e “de traço fino”, são retomados discursos que atualizam hierarquias raciais nas quais pessoas negras ocupam posições inferiorizadas, justamente em razão da classificação de signos corporais mediante tal processo de racialização, o que colabora na sua construção discursiva como o Outro (SANTOS, 2002) dos processos raciais. A alusão a tais caracteres corporais identificados como de pessoas “de cor”, ou seja, de pessoas negras, funciona segundo mecanismos que elaboram significados sociais essencializados e estereotipados para traços fenotípicos específicos atribuídos a grupos humanos cujas vidas são historicamente precarizadas na trajetória colonial e escravocrata do Brasil, ainda que em face de incontáveis processos de resistência¹⁵. É a partir desse fenótipo específico, classificado em relação a um marco normativo corpóreo-discursivo pautado em feições corporais caucasianas e europeias, que padrões de beleza são

15 Nos parece importante salientar que, embora neste trabalho estejamos explorando os sentidos do racismo e da homofobia, enquanto processos violentos arraigados na estrutura das relações políticas e de poder da sociedade brasileira, o que se justifica pelo objetivo de desnaturalizar essas práticas nas questões linguísticas analisadas, não é verdade que tais processos se desenrolaram/ se desenrolam na história do Brasil de forma incontestada, ou seja, sem um contundente enfretamento de sujeitos e coletividades em movimento, engajadas em práticas de resistência diversas, ainda que em escalas locais de atuação.

elaborados e inculcados através de um sem-número de produtos e práticas culturais, base simbólica do racismo à brasileira (FERNANDES, 2014).

Em razão desse discurso, a amiga é identificada como alguém que, embora seja negra, reiteramos, “de cor” (conforme avaliação racista para designar o fenótipo da pele negra), segundo o dizer da *Barbiezinha Fasci* veiculado no meme, possui “traços finos”, ou seja, está submetida a um apagamento de seus traços corporais e culturais como forma de acomodação à cultura estética dominante branca, o que pode ser entendido como parte simbólica do processo, ainda hoje em curso, de “branqueamento” (SCHUCMAN, 2012) da sociedade brasileira, como tentativa de apagar a presença do corpo, da história, das línguas e das culturas africanas de sua identidade nacional (NASCIMENTO, 2016). É desse modo de operação dos sentidos, transitando entre os planos linguístico e imagético, na composição do meme, que os sentidos da projeção de um discurso de um “outro” racista como o de um “eu” ficam salientes.

Assim, os sentidos produzidos pelos memes analisados, em face do modo como categorias sociais – “gays”, “heterossexuais”, “brancos”, “negros”, “ricos”, “homens”, a quem a *Barbiezinha Fasci* se refere, seja se incluindo ou se excluindo delas –, pretensamente partilhadas pelo público a quem se destina, são acionados para construir um *ethos* forjado que reproduz como seu o discurso de um “outro” guiado por uma postura aparentemente inclusiva, como registrado na figura 2 pelo uso irônico da *hashtag* “#somostodosiguais” e alinhada a posições que afirmam direitos da comunidade negra e LGBT, para, assim, criticá-lo. Tal crítica se instaura, justamente, em face das contradições irônicas que o discurso evocado instala no meme, especialmente por significar, via dimensão imagética, o estereótipo de pessoas negras e gays a quem a reivindicada postura inclusiva se dirige: àqueles que, de algum modo, se assimilam a uma cultura

que entende a branquitude e a heterossexualidade como norma social compulsória e tácita, a qual todos, independentemente de seu pertencimento racial ou de sua orientação sexual, devem seguir, especialmente em termos de aparência, hábitos, estilizações corporais e comportamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões teóricas e das análises de linguagem realizadas neste trabalho, ratificamos o meme enquanto gênero discursivo do ciberespaço, entendendo também que esse gênero não é exclusivo das redes sociais, mas que nelas ganha potencialmente mais poder de replicação, devido às ferramentas de engajamento e compartilhamento que, por assim dizer, os fazem transitar entre várias plataformas digitais. Nesse sentido, os memes integram o ecossistema das redes como artefato advindo da cultura participativa que fomenta o intercâmbio de conhecimentos e a interação social em contextos discursivamente demarcados.

Nesse âmbito, em face da análise dos memes da Barbiefacionista, que se difundiram à época das eleições presidenciais de 2018, no Brasil, o argumento central defendido é que eles projetam um *ethos* forjado, ou seja, uma imagem discursiva que fala de si como se fosse o outro com vistas à crítica social. Desse modo, os grupos sociais identificados com a imagem discursiva produzida são representados de forma estereotípica, a partir da confluência entre recursos multimodais, recorrendo a categorias sociais que significam, de modo especial, sujeitos que assumem posições excludentes em relação a grupos subalternizados em benefício de grupos de prestígio e identidades dominantes, em termos de raça e sexualidade.

Os processos de categorização social, mobilizados nos memes da Barbiefacionista, constroem e sustentam um *ethos* forjado que atua no sentido de criticar discursos racistas e homofóbicos

potencialmente provenientes de grupos sociais brasileiros historicamente privilegiados (de pessoas brancas, heterossexuais e de classe média, por exemplo), multissemióticamente estereotipificados nas personagens do meme. Nesse sentido, as práticas aqui estudadas dizem respeito também a um modo de ação política na linguagem desenvolvida em espacialidades digitais, ao lado de outras já discutidas por nós em outras oportunidades – como em Silva (2019), Castro (2017) e Castro, Silva e Nascimento (2017) – nas quais as formas de participação em práticas sociais discursivas, constituídas por textos, requerem a todo tempo serem (re)alimentadas por (re)posicionamentos identitários, políticos e ideológicos, semioticamente constituídos. Os memes da Barbiefacionista, juntamente com outros da mesma natureza, fundamentam sua dinâmica de produção de sentidos na representação forjada de discursos políticos dominantes em circulação como modo de crítica social e de construção de posicionamentos em redes discursivas digitais.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, R. Processos de categorização social: emergência de categorias sociais na fala em interação. *Revista Investigações*. v. 21, n. 2, p. 115-131, 2008.
- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- CASTRO, L. G. F.; SILVA, D. C. P.; NASCIMENTO, J. P. F. Ativismo digital e feminismo na Web: o meme #meuamigosecreto. In: Encontro Internacional de Formação de Professores, 10, 2017, Aracaju. *Anais...* Aracaju: Unit, 2017, v. 10. p. 1-15.
- CASTRO, L. G. F. *O gênero meme: uma análise referencial de textos multimodais*. 84f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em

- Letras, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.
- DAWKINS, R. *The Selfish Gene*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- BRAGA, D. B. *Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BRAGA, D. B. *Tecnologias digitais da informação e da comunicação e participação social*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BOBBIO, N. Fascismo. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: Editora UnB, 1996. p. 466-475.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CASTELLS, M. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. In: CASTELLS, M. (Org.). *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 3-32.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-92.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FALCONE, K. A legitimação e o processo de categorização social. *Veredas*. n. 1, p. 16-31, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-28.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes* [1964]. Volume II, Ensaio de interpretação sociológica. Prefácio Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. 1. reimpressão. São Paulo: Biblioteca Azul/Globo, 2014. p. 165.
- HANKS, W. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em: 29 jan. 2019.
- LIMA, G. O. S. *O rei do cangaço, o governador do sertão, o bandido do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre lampião*. 340f. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- MAINGUENEAU, D. A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.
- MELO, G. C. V.; MOITA LOPES, L. P. “Você é uma morena muito bonita”: a trajetória textual de um elogio que fere. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. v. 54, n. 1, p. 53-78. 2015.
- MENDES, E. Entrevistas forjadas: a representação de um “outro” como um “eu”. *Vertentes*, São João del-Rei, n. 32, p. 193-201, jul.-dez. 2008.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.
- NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectivas, 2016.
- SANTOS, B. S. *A difícil reinvenção da democracia frente ao fascismo social*. 2016. Disponível em:

<<http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/563035>>. Entrevista concedida a Ricardo Machado. Acesso em: 23 abr. 2019.

SARAIVA, C. L. C.; SILVA, M. D. B. Da transgressão e ethos forjado à câmara dos deputados: uma análise do discurso utilizado na campanha eleitoral de Tiririca 2010. *Revele*. n. 4, p. 50-68, maio 2012.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese. (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.

SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. MIT Press, 2014.

SILVA, D. C. P. Emancipação das mulheres no discurso feminista online: dimensões textuais de uma luta hegemônica. *Linguagem & Ensino*. v. 22, n. 1, p. 239-262, jan./mar. 2019.

SILVEIRA, S. A. Cibercultura, commons e feudalismo informacional. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 37, 2008.

TORRES, C. *A Bíblia do Marketing Digital*. 2. ed. São Paulo: Novatec, 2018.

Submissão: 20 de junho de 2019.

Aceite: 26 de setembro de 2019.